

O TRATAMENTO DO SUJEITO NA GRAMMATICA DESCRIPTIVA DE MAXIMINO MACIEL

KAROLINE ANGELICI*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Recebido em: 11 fev. 2020. Aprovado em: 4 mar. 2020.

Como citar este artigo: ANGELICI, K. O tratamento do sujeito na *Grammatica descriptiva* de Maximino Maciel. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 21, n. 2, p. 219-234, maio/ago. 2021. doi: 10.5935/cadernosletras.v21n2p219-234

Resumo

Este artigo pretende traçar um panorama crítico do modo como a categoria *sujeito* é tratada na *Grammatica descriptiva*, de Maximino Maciel. Dessa forma, a principal tarefa a que nos propomos neste trabalho é discorrer acerca das linhas dedicadas ao sujeito em Maciel, tendo em vista o contexto histórico no qual o autor e, por conseguinte, o pensamento linguístico por ele propagado se inserem. Assim, será possível compreender de que forma o tratamento da categoria em análise reflete a perspectiva de língua do autor e em que medida esta se coaduna com o ideário linguístico à época ou diverge dele.

* E-mail: kahangelici@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-1953-2344>

Palavras-chave

Sintaxe. Sujeito. Maximino Maciel.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A abordagem da noção de sujeito em algumas das gramáticas do português brasileiro (PB) tem sido alvo de críticas por conta da inconsistência de alguns dos critérios aplicados à definição e ao agrupamento dos elementos elencados como pertencentes à categoria. Não é pequeno nem irrelevante o número de autores¹ que já se ocuparam de apontar falhas no processo de categorização do sujeito, o que se justifica pelo fato de que o tratamento da categoria, ainda hoje, não é pacífico. Neste artigo, contudo, o sujeito não é o único elemento a ser focalizado; ao contrário, pretende-se analisá-lo na obra de Maximino Maciel, intitulada *Grammatica descriptiva* (1914).

O exame da categoria em Maciel serve de suporte às discussões acerca do enquadramento de sua obra no rol dos estudos linguísticos do século XIX, marcando, assim, seu posicionamento em face do ideário linguístico que se tinha à época e sua contribuição no que respeita ao quadro dos estudos gramaticais.

A escolha da obra de Maciel justifica-se pela sua representatividade no cenário da gramaticografia do PB, e também por ser uma gramática de referência no que respeita ao ensino de língua portuguesa no século XIX, adotada, conforme atesta Jesuita (2014), em renomadas instituições de ensino, tais como o Colégio Militar-RJ e o Colégio Pedro II.

Tendo em vista o objetivo deste artigo, optamos por uma abordagem crítica do material linguístico examinado, considerando o contexto de sua produção e a atmosfera intelectual que circunda a produção científica da época.

A OBRA DE MAXIMINO MACIEL: CONTEXTO HISTÓRICO

A obra de Maciel deve ser analisada à luz da conjuntura social em que se insere. Faz-se necessário, portanto, reportarmo-nos ao século XIX, período em

¹ Apenas para citar alguns nomes mais recentes: Mario Perini (1997), Maria Eugênia Lamoglia Duarte (2007), José Carlos de Azeredo (2008) e Marcos Bagno (2011).

que ocorrem muitos dos acontecimentos que modificaram os rumos da história ocidental.

No Brasil, o ambiente era de profundas transformações políticas e sociais, o que gerava a necessidade de se criar uma identidade nacional para a República recém-proclamada e, finalmente, livre da escravidão (1988).

No período pós-independência, o futuro que se vislumbrava para o país previa imensos desafios políticos, econômicos, sociais e ideológicos. Não raro, a literatura da época refletia o conturbado contexto de 1800, pondo em questão as noções de brasilidade e ocupando-se da construção de uma marca identitária para a nação brasileira. Cabe ressaltar que as correntes de pensamento então vigentes, como o Positivismo e o Darwinismo, também influenciaram a produção intelectual à época.

No que respeita à educação, a realidade impunha muitos desafios. A população analfabeta era bastante expressiva. Especificamente no que se refere ao ensino de língua portuguesa, de modo geral, não havia, ainda, um modelo linguístico descolado da norma-padrão lusitana, capaz de refletir, de fato, o português falado em território nacional na sua modalidade culta.

Às elites locais, foi imputada a missão de reconstruir o ideário nacional. Como bem nos lembra Jesuita (2014, p. 28),

[...] os gramáticos do século XIX, em sua maioria, membros dessa elite cultural e política, também desempenharam um importante papel no processo de constituição da nossa identidade. Esses intelectuais foram os responsáveis por articular o processo de gramatização da língua portuguesa.

O autor também nos revela o fato de que a literatura e a gramática figuravam no rol das preocupações da época, por serem representantes de um ideário nacional, o que explica também o grande número de publicações de gramáticas, manuais de uso da língua e dicionários, principalmente na segunda metade do século.

Nesse contexto, era necessário, portanto, superar o modelo lusitano de língua, até então aplicado, em geral, de modo engessado no ensino de língua portuguesa no Brasil. Com isso, surge a necessidade de criar, de fato, parâmetros novos, que guiassem o ensino e a aprendizagem do PB.

É nessa conjuntura que, conforme Jesuita (2014, p. 61) atesta, “No Rio de Janeiro, começa a ferver um novo rumo para os estudiosos das Letras, aquilo que Maciel intitulou *doutrinas modernas: o método histórico-comparativo*”.

No plano educacional,

[...] as ideias relacionadas ao novo método eram disseminadas no Colégio Pedro II e, para que os candidatos fossem aceitos nos concursos, Maciel alegava que eles precisavam transparecer familiaridade com as teorias de intelectuais como Max Muller, Miguel Bréal, Gaston Paris, Whitney, Littré, Darmesteter, Ayer Brunot, Brachet, Frederich Diez, Boop e Adolpho Coelho [...] essa novidade positivista na principal instituição de ensino do país marcou a quebra parcial da tradição (JESUITA, 2014, p. 62).

Na proposta de periodização dos estudos linguísticos apresentada por Cavaliere (2001), a obra de Maximino Maciel estaria enquadrada no que o autor denomina “período científico”, que data de 1881 a 1914, sucedendo o período racionalista em vigor desde 1802, antecedido apenas pelo período dito “embrionário”, que compreende desde as origens até o desenvolvimento do Racionalismo.

O contributo da nova Ciência Lingüística, dedicada à construção da história da língua como fenômeno universal, e mergulhada no estudo exaustivo das línguas clássicas, não conseguiu ambiente propício para florescer em terras brasileiras senão a partir da segunda metade do século (CAVALIERE, 2001, p. 59).

Soma-se a isso a eclosão do cientificismo no século XIX, o que ocasionou uma mudança de perspectiva no que se refere à elaboração de teorias e ao tratamento das questões colocadas em análise, uma vez que a crescente valorização do pensamento científico fez com que fossem descartadas teorias que não chegassem à razão por meio da ciência.

O Positivismo, o Darwinismo e toda a efervescência das correntes de pensamento dos oitocentos fizeram germinar uma gama de estudos linguísticos que romperam com a tradição racionalista e marcaram uma nova atitude diante dos fenômenos linguísticos, que passaram a ser analisados sob a perspectiva evolucionista, com base inclusive em adaptações da teoria de Darwin acerca da evolução das espécies.

Cavaliere (2001) divide o período científico em duas fases, a *fundadora* e a *legatária*, sendo esta de cariz mais filológico, caracterizada pelo enfoque em aspectos idiossincráticos do português, e aquela caracterizada pelo foco na palavra, em todos os âmbitos de análise gramatical, resultando numa produção de cunho etimológico. “Surge, enfim, um novo olhar sobre a gramática, em

que o objeto, o fato gramatical, deixa de ser contemplado para ser analisado” (CAVALIERE, 2001, p. 59).

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA *GRAMMATICA DESCRIPTIVA* DE MAXIMINO MACIEL

A primeira edição da *Grammatica descriptiva* data de 1894 – resultado do aprimoramento de algumas ideias expostas por Maciel em 1887 na sua *Grammatica analítica*. Nela, o autor demonstra intencionalmente o rompimento com a escola racionalista, afirmando, no prólogo da segunda edição, que, já na *Grammatica analítica*, houve contribuições rumo ao avanço das ideias que levariam à quebra dos antigos moldes da gramaticografia.

Em sua formação, Maximino Maciel conjuga dois interesses, um pela língua portuguesa e outro pelas ciências naturais. Confirmam tal afirmação as primeiras páginas da *Grammatica descriptiva*, na qual há uma seção intitulada “Obras do autor”, que elenca publicações nas áreas de zoologia, botânica, medicina e também na área das Letras.

A reunião desses dois interesses resulta numa descrição gramatical alinhada aos ideais positivistas, que privilegia o uso de uma nomenclatura típica das ciências naturais, aproximando o estudo da língua ao fazer científico.

Nas palavras do autor,

[...] é um dos maiores defeitos e até falta de critério formular o autor a regra e fazer o exemplo, o que largamente tem contribuído para o divórcio entre a *grammatica* e os *phenomenos* da *lingua*, quando aquella deve ser o *codigo*, o *registro* em que estes se achem consignados (MACIEL, 1914, p. 6).

A preocupação explicitada por Maximino Maciel em se debruçar sobre os fenômenos linguísticos observáveis em contexto de uso – em vez de produzir um compêndio gramatical que, ao elencar um conjunto de regras aplicáveis a exemplos convenientemente formulados pelo autor para justificar o que se afirma, se distancia da realidade linguística que deve retratar a gramática – demonstra perceber ele a artificialidade de uma gramática estritamente prescritiva, que teorize sobre sentenças manipuladas. Essa preocupação se reflete na adoção de exemplos extraídos dos mais variados autores, clássicos e contemporâneos.

Na dedicatória, são homenageados e referenciados em nota de rodapé autores que, de alguma forma, contribuíram para o incremento dos estudos de ciências sociais e comparatistas. “Esses nomes por si sós bastam para dar idéia da orientação geral de Maximino” (MORAES, 1997, p. 166).

Ainda no que respeita ao posicionamento de Maximino em face da análise linguística, é interessante observar a definição de gramática do autor, bem como a distinção feita entre os tipos de gramáticas, que, para ele, poderiam ser divididas em descritivas, históricas, comparativas ou gerais. Na seção intitulada “Noções propedêuticas”, a gramática é definida como “systematização logica dos factos e normas de uma língua qualquer” (MACIEL, 1914, p. 1).

“Verá o leitor que as questões mais importantes da língua se acham expostas, de modo por assim dizer, novo, de accordo com o que mais recentemente se tem publicado sobre philologia” (MACIEL, 1914, prólogo). Conforme Moraes (*apud* BASTOS; BRITTO; HANNA, 2006, p. 65) ressalta, “um dos marcos que inauguraram a moderna teoria aplicada ao estudo gramatical brasileiro foi a obra de Maximino Maciel”. A *Grammatica descriptiva* é, portanto, representativa de seu tempo. Estão presentes nela as novas tendências, com as quais o gramático estava explicitamente comprometido.

A SINTAXE EM MAXIMINO MACIEL

A Syntaxiologia é, de acordo com o autor, “o estudo da palavra como funcção, colletivamente considerada” (MACIEL, 1914, p. 4). Assim, as palavras são analisadas como:

- a) organismos elementares exercendo funcções no organismo da proposição;
- b) constituindo proposições integraes, necessarias á expressão de um pensamento;
- c) como grupos estheticos cuja fórma exterior se accomoda ás condições individuaes e á natureza do assunto. A syntaxiologia, pois, se divide em syntaxe relacional, syntae phraseologica, syntaxe literaria (MACIEL, 1914, p. 253).

Da definição de sintaxe e dos eixos nos quais o seu estudo se desmembra, percebemos que há, na terminologia utilizada para delimitar os conceitos, influência do pensamento cientificista que pairava na centúria dos oitocentos, fato que se verifica no tratamento da palavra como um microrganismo

pertencente a um organismo maior que dele é detentor e que, com ele, estabelece relações; relações essas que são o objeto de estudo da sintaxe.

Há, também, uma certa influência da tradição racionalista, ainda que o autor mostre intenção, verificada na associação entre a constituição sintática da frase e a expressão do pensamento, de romper com essa tradição.

É interessante notar também, nessa definição, a percepção do autor em relação aos elementos que condicionam a estruturação sintática das sentenças. A terceira observação feita acerca da palavra no nível sintático denota que as escolhas sintáticas do falante não são aleatórias, mas se ajustam à finalidade comunicativa, à medida que a forma exterior, isto é, o estilo, se acomoda às condições individuais. Assim, considerando que a forma exterior das palavras, tomadas como um grupo estético, é maleável e se acomoda às circunstâncias, sejam elas quais forem, só pode a estrutura sintática – forma – estar condicionada pelo estilo, visto que, nesse caso, como atesta o gramático, é ela que se acomoda.

Voltemos, então, à sintaxe relacional, ponto que nos interessa, definida como “o tratado das funções e relações das palavras, isto é, da sua concordância e posição no organismo da proposição simples” (MACIEL, 1914, p. 253). Nessa seção, Maximino Maciel ocupa-se da sintaxe do período simples; inicia-o, portanto, apontando para as seis funções que, segundo ele, as palavras assumem na proposição, a saber: subjetiva, predicativa, atributiva, objetiva, vocativa e adverbial. “As duas primeiras são fundamentaes, pois a ellas se reduz a proposição no seu menor desenvolvimento, e as demais são acessórias, pois apparecem apenas para modificar e desenvolver, ora o sujeito, ora o predicado” (MACIEL, 1914, p. 254).

O último eixo de análise da sintaxe se dá no nível da oração. Denominada “sintaxe fraseológica”, “é o tratado das proposições e das suas diversas relações” (MACIEL, 1914, p. 324). Entende-se por proposição também “cláusulas, phrases, sentenças ou orações, mas todos esses termos se devem substituir pelo de proposição, por ser este mais geral e estar mais de accordo com as theorizações da logica” (MACIEL, 1914, p. 326). Mais uma vez, a influência da escola racionalista se faz presente nas definições de Maximino Maciel.

O autor dá continuidade à sintaxe fraseológica diferenciando coordenação de subordinação e explicitando os conectivos empregados em cada uma das formas de se estruturar um período, de acordo com as circunstâncias que se deseja exprimir.

O SUJEITO EM MAXIMINO MACIEL

Na definição de sujeito, Maximino Maciel contempla, em certa medida, os critérios sintático, semântico e morfológico. Do ponto de vista sintático, o autor afirma que o sujeito “é a palavra ou expressão em função subjectiva” (MACIEL, 1914, p. 254); do ponto de vista semântico, o sujeito é definido como “o ser de quem se diz alguma coisa” (MACIEL, 1914, p. 254); morfológicamente, o gramático afirma que a categoria pode ser expressa por substantivos, pronomes, verbos no infinitivo, palavras ou expressões substantivadas, citações ou interjeições e, ainda, por proposições em função subjetiva. Quanto aos tipos de sujeito, a proposta de Maximino Maciel divide-os em: simples, composto e complexo ou proposicional.

Nessa subdivisão, há dois aspectos inovadores. O primeiro deles consiste no fato de que não há mistura de critérios na distinção dos tipos de sujeito na *Grammatica descriptiva*, tal qual ocorre em muitas de nossas gramáticas e livros didáticos atuais, em que, entre os tipos de sujeito, figura, por exemplo, o simples e o composto (aspecto sintático), mas também o indeterminado (aspecto semântico). Privilegia-se, portanto, o aspecto sintático na explanação dos tipos de sujeito, o que justifica, talvez, a escolha da nomenclatura *constituição* do sujeito.

O segundo aspecto inovador dessa abordagem refere-se ao sujeito dito complexo, exemplificado no seguinte trecho, creditado a Alexandre Herculano, “Parece-me que o ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado allivia e revoca à vida” (MACIEL, 1914, p. 263). Nesse caso, o sujeito é composto de toda a estrutura posposta a “parece-me”, o que claramente nos dá a ideia do porquê do termo complexo, visto que não há uma oração, mas sim um período posto em função subjetiva. A ideia de sujeito complexo remete-nos à noção de constelação sintática referenciada em Rocha Lima (1963).

Outro aspecto a ser analisado, a fim de que se possa delinear o tratamento do sujeito em Maximino Maciel, respeita à concordância, entendida como “a conformidade das flexões das palavras no organismo da proposição” (MACIEL, 1914, p. 281). A concordância verbal “é a conformidade da flexão verbal ou conjugativa com o numero e pessoa do sujeito [...] a flexão do verbo, pois, se adapta ao numero e à pessoa do sujeito, isto é, aquelle concorda com este em numero e pessoa” (MACIEL, 1914, p. 286-287).

Tendo em vista a definição dada, parece-nos que, para o autor, quem ativa a concordância é o sujeito; corrobora essa observação o exemplo que Maximino

Maciel fornece para ilustrar as situações em que o sujeito não obriga a flexão do verbo. O primeiro deles é composto de um sujeito em posposição ao verbo: “falta-me o tempo e o alento para escrever” (extraído das cartas de Viera) (MACIEL, 1914, p. 287).

Sabemos que comumente, quando o falante pospõe o sujeito ao verbo, a concordância é afetada. Como o sujeito não está na sua ordem prototípica, o falante possivelmente o interpreta como argumento interno, e, por isso, a concordância não é ativada, argumento favorável à defesa da ideia de que o sujeito é o ativador da concordância verbal.

A esse exemplo, somam-se outros em que o sujeito, por não estar próximo ao verbo, por ser composto de uma enumeração de elementos ou mesmo por sinônimos, acaba por não ativar a concordância, que, muitas vezes, é atrativa.

Cabe destacar, contudo, que o conceito de concordância por atração na *Grammatica descriptiva* difere do que empregamos no parágrafo anterior. Para Maximino Maciel (1914, p. 290), “na concordancia por atracção, o verbo concorda ou com um adjunto attributivo, expresso ou subentendido, pertencente a colectivo”.

Vozes verbais

Na diferenciação entre a voz ativa e a passiva, o critério utilizado é a passividade ou não do sujeito em relação à ação expressa pelo verbo. A passividade, entretanto, pode, de acordo com Maximino Maciel, ser expressa por três processos: o analítico ou participial, o pronominal e o semiótico ou infinitivo.

Cabe destacar que aquilo de que Maciel trata na seção intitulada “A voz passiva” é, na verdade, o conceito de passividade, noção mais ampla, que está para além dos aspectos gramaticais evidenciados na atribuição de papéis ao sujeito. A passividade é uma noção semântica e, como bem nos lembra Bechara (2009, p. 185), “é preciso não confundir voz passiva e passividade [...]. a passividade pode traduzir-se para além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo, [...] portanto nem sempre a passividade corresponde à voz passiva”.

Maximino Maciel parece reconhecer muito bem essa diferença e, então, acresce ao processo analítico e pronominal o *semiótico* ou *infinitivo*, que abarca os casos em que, do ponto de vista gramatical, a sentença estrutura-se na

voz ativa, mas em que, contudo, é conservado um teor de passividade por meio do traço semântico do verbo. Nas palavras do autor, “a passividade semiotica ou latente se exprime apenas pelo sentido, pois o verbo exteriormente não possui signal de passividade. Ex: De Portugal mandou el-rei despachar (ser despachada) formosa frota” (MACIEL, 1914, p. 366).

O conceito de passividade em Maciel também pode ser observado no tratamento de sentenças de verbos causativos e sensitivos, potencialmente problemáticos no que concerne à abordagem do sujeito, uma vez que geram estruturas do tipo “deixei-a sair”, em que o pronome oblíquo em função de objeto direto é também considerado sujeito do verbo no infinitivo. Para Maximino, a passividade semiótica aparece nesses casos. Tal afirmação não nos ajuda a entender as questões relativas ao sujeito subjacentes a essas estruturas, mas evoca outros questionamentos.

Há que se diferenciar sentenças como a supracitada das que Maximino utiliza. Em “deixei-o ver por todos” (MACIEL, 1914, p. 367), é admitida a seguinte paráfrase “Deixei que isso (ele) fosse visto por todos”, na qual a passividade do sujeito “isso/ele” é evidenciada, mas o mesmo não ocorre em “deixei-a sair”, que, em paráfrase, “deixei que ela saísse”, não denota passividade em relação aos sujeitos.

Compreende-se, portanto, a influência da análise lógica da proposição e de seus possíveis desdobramentos sintáticos e semânticos no tratamento da sintaxe em Maciel.

Alternância locativa

Maximino Maciel dedica um capítulo ao tratamento do fenômeno por ele designado transpredicação do verbo.

Chama-se transpredicação a mudança por que passa o conceito ou significação do verbo [...] a transpredicação se opera por subjectivação ou por objectivação, no primeiro caso, aparece o verbo destituído de objeto, [...] no segundo, se acha ao contrário, o verbo integrado por objeto (MACIEL, 1914, p. 368-369).

Como exemplo de objectivação, o gramático apresenta sentenças do tipo “O chão brotará flores”, “Evola a flor o perfume” (MACIEL, 1914, p. 370).

Em seguida, explica que “em qualquer destes exemplos [...] poderíamos ante-
por ao sujeito a preposição conveniente, conforme exige a significação do
verbo; então, os objetos se converteriam em sujeito” (MACIEL, 1914, p. 370).
Teríamos, dessa forma, “Do chão brotará flores” e “Evola da flor o perfume”
(MACIEL, 1914, p. 370).

O fenômeno descrito é semelhante ao que Nascimento (2011) nomeia
alternância locativa. Numa abordagem moderna, entende-se que o desloca-
mento do adjunto à posição de sujeito deriva de um processo de topicalização,
e a perda da preposição justifica-se pelo deslocamento do adjunto à posição de
sujeito, que não pode ser exercida por um sintagma preposicionado.

Impessoalidade verbal e sujeito oracional

O verbo impessoal é assim definido por Maximino Maciel (1914, p. 353-354):

[...] aquelle que, apenas empregado na 3.^a pessoa do singular não tem sujeito
conhecido. A maior parte dos impessoais denotam phenomenos meteorologi-
cos e, assim, o sujeito é uma incognita, uma especie de x syntactico, cujo valor
é independente de qualquer theorização grammatical [...] impugnamos, pois, a
opinião daquelles que, em desaccordo flagrante com os factos da língua, expli-
cam a proposição impessoal já mediante illipse do sujeito, já mediante o prono-
me *elle* que, dizem, ocorre na língua do vulgo ignaro, à maneira do *il* francês.

O autor atribui a impessoalidade a um grupo de verbos cujo traço semân-
tico não permite atribuição de sujeito gramatical. Admite, contudo, a possibili-
dade de se impessoalizarem verbos não pertencentes ao grupo dos impessoais
em estruturas em que eles percam o sujeito, bem como a personalização, nas
palavras do autor, de verbos impessoais em contextos específicos.

O gramático aponta como equivocado o tratamento dos verbos cujo
sujeito é uma oração como impessoais. Afirma que é comum, nesses casos, em
que o sujeito é oracional, haver o fenômeno da anástrofe e exemplifica-o com a
seguinte sentença: “eu é que sou heroe, Marilia Bella” (MACIEL, 1914, p. 356).

O exemplo, entretanto, constitui o que modernamente se chama *clivagem*,
estrutura em que se focaliza um determinado elemento por meio da partícula
“é que” e, além disso, não nos parece adequado à construção da argumentação
de Maciel, que, no momento, se dedicava a tecer explicações acerca das estru-

turas de sujeito oracional e do *status* de impessoalidade, ou não, de seus respectivos verbos.

O autor, no parágrafo seguinte, alerta-nos para o fato de que a anástrofe “é frequente com os verbos parecer e ser, constituindo idiomatismos, taes como: eu é que digo, nós é que somos...” (MACIEL, 1914, p. 356). Apesar disso, como se pode notar, os exemplos de estrutura cristalizada fornecidos pelo autor representam, na verdade, mais uma vez, sentenças em que opera a clivagem.

Por sua vez, as sentenças extraídas de textos literários que exemplificam as explanações de Maciel são construções de oração conjuncional em função subjetiva, como “A casa onde habita o grande chefe Parece, Dorotheu, que vem abaixo” (MACIEL, 1914, p. 356).

Na *Grammatica descriptiva*, há certa confusão de conceitos no que respeita ao tratamento das orações subjetivas. Além disso, a opção do autor pela exemplificação de suas teorizações por meio de sentenças extraídas de textos literários, apesar de louvável, parece, em certos casos, levar ao inconveniente de, por obrigação, citar como exemplo sentenças que não exprimem a prototipicidade dos fenômenos abordados.

Sujeito indeterminado

Maximino Maciel não inclui o sujeito indeterminado como tipo de sujeito. O autor acredita que o pronome pode se adaptar à função de sujeito – nos casos em que há verbo intransitivo mais “se” ou em que o verbo é empregado na terceira pessoa do plural, sem referente expresso. Essa análise pode ser interessante na medida em que enquadra a indeterminação no nível semântico, considerando que, no nível sintático, pode ser atribuído um sujeito a esses verbos.

Sobre a indeterminação do sujeito, o autor esclarece que “aos verbos impessoais se filiam aquelles que, embora se possam adaptar a um sujeito pronominal, comtudo exprimem o fato de modo vago e inapreciavel” (MACIEL, 1914, p. 360). O paralelo estabelecido entre os verbos impessoais e as estruturas de sujeito indeterminado corrobora a distinção entre os planos sintático e semântico, sobretudo porque é colocada a ausência de sujeito como condição à impessoalidade.

Assim, do ponto de vista sintático, não há em nenhuma das formas de se indeterminar o sujeito um elemento gramatical expresso, tal qual ocorre com os verbos impessoais. Já no plano semântico, não se pode atribuir um agente à ação expressa pelo verbo, não porque ele não exista, mas porque não é possível precisá-lo.

O gramático sugere que verbos meteorológicos, impessoais por essência, apresentam a mesma dinâmica. O agente da ação de trovejar, relampejar, por exemplo, está nos fenômenos da natureza envolvidos nesse processo, no entanto, não é possível ou necessário precisá-los na proposição. No caso do sujeito indeterminado, não se pode ou não se deseja identificar o agente da ação. Como o português é uma língua cujo parâmetro do sujeito nulo é positivo, é possível que se construam orações em que o sujeito não se realize lexicalmente. O que há, nesses casos, é uma oração sem sujeito, pois, sintaticamente, o argumento externo do verbo está vazio. O agente da ação expressa pelo verbo, assim como ocorre com os verbos fenomenológicos, é indeterminado.

Maximino Maciel (1914, p. 361) considera ainda que sentenças como “recomendem aos mestres que tenham especial vigilancia sobre elles” apresentam sujeito indeterminado. Consideramos indevida essa afirmação por se tratar de um verbo no imperativo, cujo sujeito gramatical, apesar de elíptico, é identificável e correferente ao vocativo. Nesse contexto, não há indeterminação nem mesmo do agente da ação de recomendar.

Anacoluto

Segundo Maciel (1914, p. 393), as estruturas anacolíticas são “a interrupção ou quebra da contextura da phrase, de sorte que fica uma palavra ou expressão syntacticamente desligada e sem funcção a exercer”. Os exemplos que ilustram o anacoluto são retirados de textos literários e têm, no emprego de muitos escritores, respaldo como elemento estilístico e não apenas vício sintático.

Ao tratar da ordem das palavras, Maciel (1914, p. 341) coloca o verbo como centro de atracção do systema proposicional, de modo que o verbo “fica, na ordem analytica, precedido do sujeito e seguido dos seus adjuntos ou do objecto. [...] Esta disposição das palavras no organismo da proposição, diz-se ordem”.

O autor considera possíveis três ordens de estruturação de sentenças: a *analítica*, na qual a ordem prototípica é mantida, a *inversa* ou *sintética*, em que ao predicado se pospõe o sujeito, e a *transposta* ou *interrupta*, caracterizada pela intercalação do sujeito ao predicado.

Nesse contexto, a inversão da ordem SVC diz-se *anástrofe*. Embora em certa medida essa explicação dê conta do fenômeno do deslocamento à esquerda, não resolve os casos em que há estruturas de tópico-comentário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exame do sujeito na gramática de Maximino Maciel, observamos que a abordagem dessa categoria é, de modo geral, feita no nível da sintaxe, embora, por vezes, o gramático incorra na confusão entre os planos sintático e semântico, os quais a noção de sujeito perpassa.

No entanto, os aspectos discursivos são deixados de lado, e não há menção ao que modernamente denominamos sentenças de tópico-comentário, e o deslocamento à esquerda, apesar de referenciado e explicado, não tem sua motivação comentada.

A oração sem sujeito também não é tratada como capítulo à parte, mas figura nas explanações acerca dos verbos impessoais. Dessa forma, poder-se-ia dizer que o verbo, como elemento central da proposição e selecionador de argumentos, é focalizado como detentor da impessoalidade justificada pelo seu traço semântico ou pelas armadilhas da linguagem, que permitem impessoalizar verbos a que se poderia atribuir sujeito, compondo, assim, orações sem sujeito.

Por fim, tendo em vista aquilo a que se compromete o autor, parece-nos justo afirmar que ele cumpre com os objetivos delineados no início de sua obra. Os exemplos são todos retirados de textos literários, não inventados. O método histórico-comparativo se faz presente na comparação entre o português e outras línguas românicas no tratamento de dados. Além disso, a sintaxe na *Grammatica descriptiva* é inovadora em muitos aspectos, sobretudo por apontar diferenças entre variedades do português.

Não há como negar que, em algumas definições, há resquícios do pensamento racionalista, com o qual o autor tenciona romper. Entretanto, não se pode negar também que a gramática de Maximino Maciel é representativa de

sua época e sintetiza traços do período linguístico a que pertence. Em muitos momentos, antecipa a segunda fase desse período, a legatária. Antecipa, ainda, em alguns aspectos, paradigmas que norteiam o rompimento com a tradição histórico-comparativa e dão início ao período nomeado linguístico.

Subject's treatment in Maximino Maciel's *Grammatica descriptiva*

Abstract

This article aims to provide a critical overview of how the subject category is treated in Maximino Maciel's *Grammatica descriptiva*. Thus, the main task that we propose in this work is to discuss the lines dedicated to the subject in Maciel, considering the historical context in which the author and, consequently, the linguistic thought propagated by him are inserted. Thus, it will be possible to understand how the treatment of the category under analysis reflects the perspective of the author's language and to what extent it is consistent with or diverges from the linguistic ideas at the time.

Keywords

Syntaxis. Subject. Maximino Maciel.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Publi-folha, 2008.

BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BASTOS, N. M. O. B.; BRITO, R. H. P. de; SILVA, S. A. O gramático Gladstone Chaves de Melo: um homem plural. In: BRITO, R. H. P. de; HANNA, V. L. H (org.). *História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna; IP-PUC/SP, 2008. p. 73-93.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAVALIERE, R. S. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 45, p. 49-69, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4185>. Acesso em: 28 jul. 2021.

DUARTE, M. E. L. Os termos da oração. In: VIEIRA S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). *Ensino de Gramática: Descrição e uso*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

JESUITA, C. S. *As gramáticas gerais e filosóficas tardias do século XIX*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MACIEL, M. *Lingua portugueza grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

MORAES, L. C. D. A Grammatica Descriptiva de Maximino Maciel. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 1, p. 165-173, 1997.

NASCIMENTO, A. U. S. *A oração sem sujeito em língua portuguesa: descrição, caracterização e uso*. 2011. 307 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PERINI, M. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.